

# Pacote: mais um ou mais uma série ?

Roberto Bocaccio Piscitelli \*

Talvez uma boa definição para pacote, pelo menos para quem não o embrulhou, seja a de uma coisa fechada e desconhecida. Pior ainda é quando ele é feito às pressas. Algumas vezes eles são explosivos.

O atual governo, até para não fugir à regra, parece ter iniciado um novo ciclo. Os métodos são os mesmos de todos os governos autoritários: meia dúzia de tecnocratas impõem ao País o que só eles acham que sabem. As medidas são sempre inadiáveis e inexoráveis, e - o que é mais impressionante - são de uma tal consistência que nenhum detalhe pode ser alterado (exceto o que foi colocado exatamente para ser retirado). Em compensação, aproveitasse o pretexto para inserir uma porção de coisas, irrelevantes algumas, outras que não têm nada a ver e que de outra forma talvez fosse muito mais difícil de digerir.

Em tais circunstâncias, nenhum instrumento é mais adequado do que as medidas provisórias, nenhum ambiente seria mais propício que o condicionado pela inércia e desarticulação das forças políticas e pela debilidade e alheamento das instituições da sociedade civil de um modo geral.

Mas não seria o caso de indagar: por que tanta coisa de uma só vez, com três anos de governo e três e meio de Plano Real? A dosagem, teria sido a adequada? E o período de tratamento, vai até quando?

Admitir hoje que o pacote não é recessivo, com redução de des-

pesas e aumento de receitas, tarifas e juros, é tão inverossímil quanto ter-se dito, há semanas atrás, que a crise na bolsa não afetava a economia real, ou, um pouco antes, que as turbulências em outros mercados não nos atingiam. O amor à verdade e o reconhecimento das evidências não são qualidades particularmente cultivadas pelas nossas classes dirigentes. Esse clima não gera confiança.

Quando se fixou o câmbio num patamar artificialmente elevado e ao se mantê-lo sobrevalorizado, criaram-se as condições para o choque que acabou de ocorrer. A âncora é boa enquanto

o navio está perto das margens e quando o mar não está revolto. Será que pretendiam soltá-la somente de-

pois de outubro de 1998?

Como em todos os planos econômicos que experimentamos, o marketing é utilizado para persuadir as pessoas de que já não somos pobres. A enorme demanda reprimida, associada às irresponsáveis facilidades de crédito que são criadas, leva as famílias a consumirem o que é incompatível com seus níveis de renda e até com suas necessidades e padrão de vida, pagando muito mais do que é devido, isto é, contribuindo para aumentar a concentração de renda. O quadro é bem conhecido: endividam-se



as pessoas, as empresas e o País, sobram a inadimplência e a quebra de confiança.

No caso brasileiro, o resultado foi mais dramático: o processo de abertura acelerada e desordenada, com câmbio supervalorizado, expandiu o acesso ao mercado e desorganizou a produção interna, empurrando as próprias empresas a adquirirem insumos do exterior.

O buraco crescente nas contas externas (perto de US\$ 1 bilhão/mês na balança comercial, com perspectiva de US\$ 35 bilhões em transações correntes em 1997, além das amorizações) foi

sendo coberto com maciços e indiscriminados aportes de recursos externos, atraídos pelas elevadíssimas taxas de juros, pelo retorno incondicional e mesmo pelas generosas privatizações.

A contrapartida das elevadas e fluidas reservas que assim se acumularam, mediocrementemente remuneradas, foi um aumento dos desequilíbrios internos, repercutido nas contas estaduais e municipais, através de juros internos cada vez mais sufocantes. Bom para os especuladores, mau para os investidores.

É, agora, basicamente o salto espetacular nas taxas de juros que aumenta o rombo - estimado inicialmente em cerca de R\$ 20

bilhões - que as 51 medidas impostas pelo governo pretendem cobrir.

Em outras palavras, o enorme volume de reservas não tornou o país menos vulnerável nem mais confiável. Oscilações continuarão a ocorrer. Ataques especulativos poderão ocorrer. A globalização - processo em que mergulhamos passiva e subordinadamente - tornou os movimentos de capital maciços e instantâneos, e todos parceiros. Países com tamanhos desequilíbrios apresentam obviamente maiores riscos. Além do mais, com ganhos especulativos tão rápidos e elevados, pode ser sempre vantajoso ser o primeiro a sair. Se, ainda, isto se tornar oportuno e necessário em vista de prejuízos ocorridos em alguma parte do mundo ou para cobertura de posições assumidas, mais explicável será então a migração. E isto tudo torcendo para

que a taxa de juros norte-americana permaneça no atual patamar.

Em suma, é muito

alto o preço do desequilíbrio, da ilusão; é muita precária a nossa situação. Qual será o nível da taxa de juros e por quanto tempo haveremos de mantê-la para permanecer à mercê do capital financeiro internacional? Até onde é razoável continuar sacrificando a classe média e os que dependem do orçamento público para a satisfação de suas necessidades básicas? Parece que o mesmo filme não pára de rodar e as mesmas personagens não saem de cena.

**O processo de abertura acelerada, com câmbio supervalorizado, desorganizou a produção interna**